



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ FABRÍCIO BALBINO FEITOSA

O LUGAR DA ANGÚSTIA NA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Juazeiro do Norte
2020

JOSÉ FABRÍCIO BALBINO FEITOSA

O LUGAR DA ANGÚSTIA NA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

JOSÉ FABRICIO BALBINO FEITOSA

O LUGAR DA ANGÚSTIA NA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para obtenção de
grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 09/07/2020

BANCA EXAMINADORA

RAUL MAX LUCAS DA COSTA

Orientador(a)

NADYA RAVELLA SIEBRA DE BRITO SARAIVA

Avaliador(a)

LUCIANA COELHO LEITE SAMPAIO

Avaliador(a)

RESUMO

Este trabalho versa acerca do lugar da angústia no percurso de formação do analista. trata-se de um estudo teórico no campo da psicanálise freudiana e lacaniana, caracterizado como pesquisa bibliográfica. Faz um breve percurso histórico do conceito de angústia em Freud e em Lacan; além de discutir aspectos da formação do analista, abordando a questão da contratransferência e do desejo do analista, que apontam a angústia como sinal do Real e do Outro, e demarca um movimento de travessia de um fantasma.

Palavras-chave: Angústia, formação do analista, desejo do analista, fantasma.

ABSTRACT

This article deals with the place of anguish in the training path of the analyst. It is a theoretical study in the field of Freudian and Lacanian psychoanalysis, characterized as bibliographic research. It makes a brief historical journey of the concept of anguish in Freud and Lacan; in addition to discussing aspects of the analyst's training, addressing the issue of countertransference and the analyst's desire, which point to anguish as a sign of the Real and the Other, and demarcates a movement of crossing a fantasy.

Keyword: Anguish, analytical training, analyst's desire, fantasy.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise, sendo a clínica orientada para o Real, requer daquele que se dispõe a exercer o ofício de psicanalista a tarefa de dirigir o tratamento, sem, contudo, dirigir o paciente, operando a partir do lugar de semblante de objeto, abdicando de seu ser para poder intervir desse lugar na incidência do inconsciente. No percurso de uma análise, o sujeito é convocado ao trabalho de escrita, no campo da linguagem, de um fantasma, que é a lente pela qual o sujeito pode vislumbrar o Real. Espera-se do sujeito, que levou sua análise às últimas consequências, que esse fantasma seja atravessado, afim de que dele se desprenda para que haja uma mudança na forma de encarar a verdade e o gozo. Nessa travessia, a angústia, que surge do Real e incide no Imaginário, tem função importantíssima no que tange a abordagem do Real (LACAN, 1988, 1989).

Ao tratar da questão da angústia, Lacan (2005) introduz a noção de objeto *a* como uma forma de melhor abordar esse afeto que irrompe diante daquilo que não é apreensível a partir do registro Simbólico. Ele propõe ser a angústia aquilo que surge lá onde não deveria aparecer, denotando a presença de algo da ordem do indizível do Real (PIRES, 2009). A angústia é situada entre o gozo e o desejo, não como forma de fazer uma mediação entre estes, mas como algo que se encontra ali. Se a angústia

não é sem objeto, o desejo, por outro lado, tem uma causa que o antecede (MACHADO, 2008).

Na clínica psicanalítica, a contratransferência, a vivência de afetos, por parte do analista, relacionados ao analisante, sejam eles considerados positivos ou negativos, é um fenômeno que, desde Freud, é visto como algo a se evitar durante o percurso do tratamento, pois altera a posição subjetiva do lugar de onde a intervenção analítica deve partir (FREUD, 1915/2010). Por vezes, tentativas de oferecer uma solução ou resposta ao problema que advém da contratransferência foram elaboradas, porém, sem o êxito pretendido. A discussão em torno desse conceito será retomada posteriormente neste artigo.

Lacan formula o conceito de desejo do analista, que será detalhado mais adiante no presente trabalho, objetivando dar uma resposta mais eficaz a questão da contratransferência e da direção do tratamento. Esse desejo em nada tem a ver com querer o bem estar do paciente, ou querer o melhor para ele, no sentido moral do senso comum. Trata-se de um desejo de que o paciente leve sua análise até as últimas consequências (FINK, 2018).

Se, ao longo do percurso de sua análise, o sujeito puder se deslocar do horror ao Real e a verdade da castração e, de fato, tiver o entusiasmo e as condições de poder imprimir um trabalho de construção e escrita de uma verdade, advertido de que ela é não-toda, só então, será possível começar a trilhar o caminho desse desejo inédito de possibilitar a outros também percorrer esse caminho (KRUEL, 2007).

A partir do que foi exposto, nossa problemática consiste em interrogar qual o lugar que ocupa a angústia no percurso de formação do analista. Para tanto, faz-se necessário traçar um breve recorte histórico da maneira como é desenvolvida a questão da angústia em Freud e em Lacan; analisar a noção de contratransferência em Freud, e desejo do analista em Lacan; bem como discutir alguns aspectos da formação do analista.

O tema foi pensado a partir de inquietações suscitadas pela disciplina de Estágio Supervisionado em Processos Clínicos I e II, do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (Unileão), na qual a prática clínica levantou a questão da função que a angústia ocupa na formação analista. Dada a escassez de trabalhos concernentes à temática, esta pesquisa mostra-se relevante por contribuir com esse campo de estudo, podendo servir de base para ampliar as discussões em torno da formação do analista, além de despertar o interesse em outros pesquisadores, dentro

da psicanálise, na produção de trabalhos que contemplem as inúmeras nuances que perpassam a referida temática.

A pesquisa se enquadra em um estudo bibliográfico, na área da psicanálise freudiana e lacaniana. Trata-se de um estudo teórico sustentado no método psicanalítico, que inverte a lógica usual de pesquisa e vai do fenômeno ao conceito, donde o desejo do pesquisador é parte da pesquisa e o objeto de investigação não é dado a priori, mas é uma produção da própria investigação a ser conduzida, que leva em consideração a dimensão do enunciado e da enunciação do discurso, relacionando a transmissão de seus dogmas com a contextualização histórica que atravessam o tema (ROSA; DOMINGUES, 2010). O material a ser coletado terá o seguinte critério de inclusão: artigos completos disponíveis em repositórios online, e livros que contemplem a temática “o lugar da angústia na formação do analista”, deixando-se de incluir publicações outras que destoem do tema em questão, como teses, dissertações, monografias, etc.. O uso de recorte temporal foi preterido devido à pouca produção acerca do tema na área citada.

2 A ANGÚSTIA EM FREUD E LACAN

Para os propósitos deste trabalho, faz-se necessário traçar um percurso histórico de como a questão da angústia foi tratada, em Freud e Lacan. A sensação de estar perante a eminência de algo, um terror, um temor, prestes a acontecer; o aperto no peito e a dificuldade de respirar; a aceleração dos batimentos cardíacos. Esses e outros sintomas aparecem com frequência nos relatos dos analisantes. É evidente, nesses relatos, o caráter de pressa e urgência em acabar com essa sensação. Em grande parte das ocasiões, parece não haver motivo aparente que justifique o surgimento dessa sensação (LEITE, 2011).

Ao longo da obra freudiana, o conceito de angústia sofre algumas transformações, sendo identificadas duas teorias a seu respeito. Na primeira delas, que começa a se desenhar desde “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’” (FREUD, 1894/1977), a angústia é tratada como um acúmulo de energia libidinal que, não encontrando representação no psiquismo, seria retirado da consciência e retornaria em uma descarga sob a forma de um ataque de angústia. Nesse primeiro momento, vigora o caráter de energia sexual da angústia. Mais adiante, vê-se uma abordagem no campo

da representação psíquica. Cabe ressaltar também que, nesse primeiro momento dos escritos freudianos vigora uma tentativa por parte do autor de discutir os mecanismos do psiquismo em termos neurológicos.

Assim, não haveria uma origem psíquica para o aparecimento da angústia, mas ela surgiria a partir da insatisfação do sujeito (sendo essa insatisfação de ordem sexual). Entretanto, e apesar disso, via-se uma deflexão do desejo sexual do sujeito. Essa insatisfação geraria acúmulo de tensão física que não encontra, no psiquismo, onde se ligar. Então, essa tensão não seria transformada em afeto sexual, mas, sim, em angústia. A angústia enquanto libido transformada (FREUD, 1894/1977).

Freud deu o nome de neurose de angústia, um dos tipos de neuroses atuais (que são disfunções ligadas a vida sexual atual do sujeito), relacionando a angústia com o excedente de energia sexual sem correlato de origem psíquico, descrito anteriormente (ou com a falta de capacidade de elaboração da energia sexual por parte do psiquismo). Dessa forma, a angústia seria a inscrição no corpo de uma somatização dessa energia. As neuroses de angústia poderiam aparecer sob a forma de um ataque (intensificado e repentino), ou um estado crônico, onde os surtos seriam moderados, porém, mais duradouros (CAMPOS, 2004).

Ainda perseguindo a ideia de que a angústia seria proveniente da transformação da libido, é importante destacar o papel do recalque. O recalque, enquanto conceito, se refere ao trabalho do aparelho psíquico de retirar do campo da consciência tudo aquilo que seja causador de desprazer para o Eu. Esse mecanismo atua, portanto, da seguinte maneira: aquilo que o Eu considera como inapropriado para a consciência é removido em duas frentes, seja pela ideia que se deseja suprimir, seja pela energia pulsional que a acompanha. Dessa forma, o aparelho psíquico trabalha tanto na supressão da ideia associada ao que causa o desprazer, como redireciona o montante dessa energia que encontrava-se ligado a ideia recalçada (FREUD, 1915/2010).

É importante destacar isso, pois há uma relação entre angústia e recalque. Ao tratar da questão do recalque, Freud (1915/2010) põe em discussão o fato de que, no intento de afastar da consciência o que lhe causa aversão, desprazer, o recalque pode falhar. Um dos exemplos para isso se dá quando, mesmo quando a ideia que causa asco é recalçada, a energia pulsional que se ligava fica à deriva no aparelho psíquico. Essa energia, no entanto, pode reaparecer como um afeto qualquer, mais ou menos

investido de energia pulsional, ou é redirecionado como angústia. Nesse caso, portanto, a angústia seria produto da ação, dita “falha”, do recalque.

Em um momento posterior, nas suas conferências introdutórias, Freud (1917/2014), tenta fazer uma diferenciação entre angústia realista, que seria um sinalizador de perigo externo real (diante do qual o sujeito poderia, a partir daí, planejar uma melhor saída) da angústia neurótica vivenciada nas neuroses de angústia. O autor classifica a angústia como um estado do sujeito que sinalizaria, em um estágio inicial, o perigo que estaria por vir. Para ele, angústia e terror se diferem por haver neste último um objeto real que caracteriza perigo eminente. O Eu, então, se utilizaria do estado de angústia para se proteger do terror.

Esse estado de angústia é visto nas neuroses de angústia como uma “expectativa angustiada”, nome que Freud dá a essa angústia flutuante que permanece sempre a espera de qualquer coisa que possa justificá-la para então aparecer em sua intensidade demasiada. Nos sujeitos neuróticos, a angústia pode surgir acompanhada de sintomas ou mesmo ser substituída por eles, uma vez que, para o Eu, diante do perigo da demanda libidinal, a angústia sinaliza esse perigo interno como se fosse externo. O recalque seria uma resposta de fuga desse estado de angústia, onde o Eu se protegeria do perigo da libido. Apesar dessa nova perspectiva de angústia como sinal de perigo, Freud ainda reitera, nesse texto, a ideia de angústia como produto da conversão de libido não empregada, produto da ação do recalque (FREUD, 1917/2014).

Na sua segunda teoria sobre a angústia, Freud começa sua incursão ainda tendo como pressuposto a noção de regimento do psiquismo a partir do princípio de prazer-desprazer. Disso, ele aponta que o Eu sedia a angústia - essa sendo um precipitado de energia pulsional barrada pela ação do recalque. Para ele, nesses momentos iniciais de sua investigação, o recalque produziria a angústia como uma defesa do Eu para com as exigências pulsionais (FREUD, 1926/2014).

A partir disso, surge a noção de angústia enquanto um afeto sinalizador de um perigo. Tal perigo, para o autor, está relacionado à castração, herança do Complexo de Édipo. O perigo de castração. Esse afeto, então, é colocado como algo que se sente no corpo, tendo sua origem e raízes principalmente nos órgãos do sistema respiratório e no coração. Esse afeto, sentido e percebido no corpo, se difere de outras sensações desprazerosas por não ter um objeto real de perigo para dar-lhe uma justificativa (FREUD, 1926/2014).

Para Lacan, a angústia não é sem objeto, e o autor vai colocar o objeto *a* como o objeto de que se trata a angústia e seu surgimento no sujeito. Esse objeto representa o resto da operação simbólica de entrada no campo da linguagem, tornando-nos sujeitos, sujeitos ao significante. Todavia, há uma falha nessa operação e isso acaba por deixar um resto, algo que sobrou, excedeu da operação. Esse resto, então, é transformado em causa, movimentando a cadeia de significantes e assumindo o papel de causa do desejo do sujeito. Se, para o autor, a angústia é um afeto, e esse afeto advém do Real, logo seria o afeto que não engana. O sujeito sente angústia ao se deparar com o aparecimento de algo do Real que tampone o lugar desse objeto perdido (LACAN, 2005).

Em Freud, há uma tentativa de chegar a uma origem primeira para a angústia, no instante do nascimento. Este seria o primeiro momento em que o ser humano experimenta a angústia, frente ao desamparo no qual é colocado, diferentemente de outros mamíferos, com pouquíssimo preparo para dar conta dessa nova condição. O afeto que se sente, portanto, seria uma reprodução dessa experiência traumática em fases posteriores do desenvolvimento. Nessas fases, em decorrência desse período de demasiada dependência do ser humano com relação a seu cuidador, que lhe oferece condições para sua sobrevivência, suprimindo suas necessidades, inicialmente, a angústia tende a surgir enquanto uma reação a falta de objeto. Esse objeto que atende suas demandas e garante o afastamento de situações de desamparo que possa experimentar (FREUD, 1926/2014).

Em Lacan (2005), a angústia é tida enquanto um afeto, que não é recalcado. O que é recalcado, todavia, é o significante que faz uma amarração com o afeto, mas ele continua lá, solto, descontrolado. Lacan, a partir do estranho familiar de Freud, fala desse afeto enquanto relacionado a aparição de algo, em termos imagéticos, onde nada deveria aparecer, algo que preencheria a falta que nos é constituinte como seres de linguagem. Isso geraria a angústia.

Dando prosseguimento a linha conceitual de transformação e evolução desse afeto, Freud (1926/2014) evidencia, no período da passagem pelo Complexo de Édipo, o momento onde, por intervenção do pai, a relação do sujeito com a mãe é interdita, e resta a ele a escolha de renunciar a sua mãe enquanto objeto de satisfação sexual. Surgiria, então, a angústia da separação da mãe, que remontaria a uma nova situação de desamparo. Em momento posterior, após a travessia edipiana, a instância do Supereu aparece na dinâmica psíquica, com seus limites, exigências e

impedimentos que vão dar outra ordenação à vida psíquica. Assim, a angústia passa a ser de consciência, muito influenciada também por questões da vida em sociedade, não apresentando mais um objeto determinante para o perigo do qual o afeto sinalizaria. Mais adiante, a angústia se ocuparia, então, da questão da morte, condição da vida que aparece, trazendo consigo grande desamparo.

A partir dessa exposição, pode-se fazer um *link* com a dimensão do campo do Outro, trazida por Lacan, para tratar da angústia. Ao colocar que “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 2005, p. 31), o autor apresenta o fato de o sujeito entrar na lógica do significante, na linguagem, a partir desse Outro.

Partindo para Freud (1926/2014), vê-se que a noção anterior de que o recalçamento seria o produtor da angústia é refutada, e tem-se agora que o Eu se utiliza da angústia para fazer funcionar as defesas contra as exigências pulsionais do Isso. A situação de perigo é agora vista por uma outra ótica, sendo considerado seu aspecto interno (exigências do Isso), e externo (situações reais de perigo que remontam a situações de desamparo anteriores), fazendo com que Freud situe a angústia no campo das neuroses.

Sendo assim, Freud coloca a angústia como um afeto que estaria sempre relacionado à castração. De início, o sujeito vivencia uma situação traumática de profundo desamparo, onde o Eu a experimenta de maneira passiva. Depois, no decorrer do desenvolvimento do aparelho psíquico, o Eu, então de forma ativa, com vias a antecipar determinada situação que carregue em si traços que se assemelhem com a experiência traumática, usufrui do afeto de angústia para poder sinalizar a possível ocorrência dessa situação, objetivando evitar que ela aconteça (FREUD, 1926/2014).

Para Freud, então, a angústia apareceria na análise como forma de resistência, pois, ao rebaixar as defesas do Eu, o trabalho analítico leva a um defrontar-se com situações de perigo que o Eu tenta evitar, utilizando-se da angústia para tal. Sendo, dessa maneira, mais uma força a ser contornada no trabalho de análise, que levaria a um retorno à vivência traumática que é tida como situação de perigo pelo Eu (LEITE, 2011).

Lacan, curiosamente, em um de seus primeiros comentários sobre o texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia” (1926), diz que, nele, “fala-se de tudo, exceto da angústia” (LACAN, 2005, p. 18). Isso, porque, para o autor, a questão é discutida por outra via. Ele introduz a dimensão do Outro, trazendo para o centro a questão o

desejo do Outro. Para isso, ele recorre a metáfora do louva-a-deus, onde, estando diante da presença desse animal, sem saber qual máscara está usando, fica no suspense da incerteza de seu destino dali em diante. Essa metáfora ajuda a ilustrar uma questão de suma importância, a partir da interrogação “*Che voui?*”, donde se desdobra a questão “que quer ele de mim?”, que remonta ao desejo do Outro (LACAN, 2005).

O Outro, grafado com inicial maiúscula, designa o lugar do significante, no campo da linguagem, diferentemente do outro semelhante. Dizer que o desejo é desejo do Outro significa que aquilo que constitui o sujeito é essencialmente o fato desse Outro possuir falhas e ser incompleto, condição que é transmitida ao infante. Ao falar da entrada do sujeito na linguagem, na cadeia de significantes, Lacan explica que, o falo (objeto de desejo materno que denuncia a falta) surge como um terceiro na relação com a mãe, e a função paterna aparece para situar a lei simbólica. Assim, a metáfora paterna denota o momento em que a criança desvenda a questão do desejo materno, que aponta para um mais-além da criança, e ela pode, assim, se desfazer da identificação com o objeto de desejo da mãe e passar a ser ela mesma um sujeito desejante, onde a fala impera para submeter o desejo ao desejo do Outro (LEITE, 2011).

Ao explicar a dinâmica de subjetivação que o sujeito atravessa na operação de entrada na linguagem, Lacan (2005) se utiliza do estádio do espelho para dizer que, ao se defrontar com sua imagem refletida no espelho, a criança se identifica com uma imagem própria de corpo unificado, reconhecida pelo seu outro semelhante através da palavra da qual ainda não dispõe para fazer essa amarração e, portanto, toma o Eu como objeto de investimento libidinal, afastando-se, então, da experiência de corpo despedaçado e sem controle que vivenciava anteriormente (experiência essa causadora de angústia).

É com o estabelecimento do estádio do espelho que o sujeito passa a ter uma visão total, ainda que ilusória, da sua forma enquanto ser humano, permitindo que ele adquira um domínio imaginário do seu corpo. Temos aqui, então, que o campo psicológico ganha uma primazia em relação ao campo fisiológico, apesar do desenvolvimento deste último ser essencial para o ganho desse domínio do corpo. Dessa forma, com a ascensão da imagem de corpo unificado sob seu domínio, o sujeito se defende do desamparo e pode, a partir daí, traçar um limite do que é de ordem interior ou exterior a esse corpo. A experiência de corpo despedaçado constitui

a imagem do Eu-ideal, anterior ao complexo de Édipo, tido como narcisismo primário. Depois da travessia do Édipo, a imagem do corpo unificado constitui o Ideal-do-eu, chamado de narcisismo secundário (LEITE, 2011).

Dessa forma, Lacan faz um *link* do estágio do espelho com o campo do significante e situa o nó borromeano, (Real, Simbólico e Imaginário) para explicar o momento em que o sujeito constitui corpo, palavra e imagem. Assim, a partir do real do corpo despedaçado, a palavra advinda do Outro torna possível que o simbólico articule o reconhecimento do corpo próprio e unificado no imaginário (SOLER, 2012).

Entretanto, nem toda energia libidinal é investida nessa imagem com a qual o sujeito se identifica, e essa parcela de libido não investida forma uma reserva operatória que acaba por não ser rejeitada, permanecendo fora do espelho, no próprio, chamada de falta. A falta denota a posição do sujeito no campo do desejo do Outro, tendo em vista que o desejo é desejo do Outro e esse desejo precede a sua própria existência (QUINET, 2012).

O falo, então, se inscreve como significante da falta naquilo que é do campo imaginário e, por não poder ser representado é cortado desse registro, onde predomina a ideia de unidade e completude. Esse resto recebeu a denominação de objeto *a*, o que Lacan diz ser sua única contribuição para a psicanálise. Esse objeto é então chamado de causa do desejo, tendo em vista que não há significante para a falta. Não havendo esse significante da falta, há desejo (LACAN, 2005).

A angústia, então, surge quando, no lugar que corresponde a falta aparece algo que não deveria estar ali. Quando falta a falta. Nesse momento, aquilo que sustenta a imagem do corpo se desestabiliza, desmorona, e esse objeto perdido, caído, se põe diante do sujeito, que é afetado e implicado no que há de mais íntimo de si. Lacan estabelece o desejo como remédio para a angústia pois seria ela uma experiência de suspensão da verdade, que denota a presença da incompletude e da sua divisão radical (herança do Outro), trazendo a necessidade de reinscrever o desejo (LACAN, 2005).

Dizer que a angústia não é sem objeto faz referência justamente a esse objeto *a*, que aparece para tamponar a falta constitutiva do sujeito. Ao dizer que no texto Inibição, sintoma e angústia, Freud não falava de angústia, Lacan situa aquilo de que falava Freud, esse sinal automático de perigo eminente, no campo do Gozo. Assim, ao falar de angústia enquanto advinda do real, Lacan remonta ao fato de que, do aparecimento do objeto *a* diante do sujeito, produz nele a experiência de não

identificação com a imagem de corpo inteiro, unificado, remetendo ao real do corpo despedaçado, que denota uma situação de gozo. Para o autor, a angústia está situada entre o gozo e o desejo pois, para ir de um ao outro é necessário atravessar a angústia (SOLER, 2012).

Assim, cabe pensar um ponto relevante sobre a angústia e o Outro. No trabalho de análise, o sujeito é convocado a seguir um caminho no qual o objetivo é ir o mais longe possível (fazer a travessia do seu fantasma). Mas, antes, vale destacar que, o sujeito entra em análise pelo endereçamento de uma demanda, que é, então, transformada em demanda de análise, que tem como motor a transferência, fazendo do analista aquele a quem se direciona essa demanda (FINK, 2018).

Nisso, o analista representa para o analisante o campo do Outro, bem como o objeto *a*, causa de desejo, de onde intervém. O sujeito chega em análise alienado ao Outro, demandando reconhecimento e amor. No percurso de análise, há uma virada nesse jogo, pois o sujeito é levado a descobrir que não pode responsabilizar ninguém mais pela sua falta-a-ser senão a si mesmo, destituindo o Outro desse lugar de validação. Há uma passagem onde o sujeito deixa de se oferecer como objeto de desejo do Outro, não mais estando preso a essa Outra demanda, e pode, ele mesmo, despertar para um desejo inédito, posteriormente em sua análise, marcado pelo fato do sujeito assumir sua falta constitutiva e ser capaz de construir sua própria verdade (LACAN, 1988).

A angústia, então, seria um indicativo da presença desse desejo do Outro, como pontua Lacan no seu seminário sobre a angústia. Sendo, assim, algo a ser, também, atravessado em direção ao desejo, tendo em vista que este é o remédio para a angústia (LACAN, 2005).

3 DA CONTRATRANSFERÊNCIA AO DESEJO DO ANALISTA

Para que se possa avançar numa discussão a respeito do conceito de contratransferência, faz-se necessário, antes, estabelecer o que vem a ser a própria transferência. A transferência é um fenômeno pelo qual o sujeito revive, repete, atualiza na figura do analista um determinado modo de se relacionar, um laço afetivo, uma posição na qual se coloca diante daquele que dirige o tratamento. Freud (1912/2010) fala em “clichês” que o sujeito desenvolve, ao longo da vida, na maneira de ser e se relacionar no mundo.

Essa repetição aparece em diversas situações da vida do sujeito, o que leva-o a atribuir tal repetição ao destino, a um carma do qual não consegue escapar. O sujeito repete em ato as situações em que se colocava perante figuras importantes de sua vida, desde a infância, sendo uma constante presentificação desse passado inconsciente. Portanto, não é de se estranhar que, ao adentrar em um tratamento analítico, tal repetição marque presença, ao passo que o sujeito direciona à figura do analista os mesmos modos de se relacionar com outras figuras, como a mãe, o pai, ou qualquer outra figura importante para ele (MAURANO, 2006).

A transferência exerce uma função muito importante, pois possibilita que o sujeito, ao incluir o analista na série de sua repetição de modelos afetivos, entre de fato no trabalho de análise, pois é a partir da transferência que o analisante pode supor ao analista possuir o saber sobre seu sintoma, o que abre caminho para o analista ocupar a função de sujeito-suposto-saber (LACAN, 1992).

Freud (1912/2010) também observa que, embora a transferência seja fundamental para o andamento da análise, ele também pode aparecer como forma de resistência ao tratamento. Esse fato também é apontado por Lacan (2009) no seu seminário sobre os escritos técnicos de Freud. Ele, ao tratar da questão da resistência, coloca a transferência como algo que surge quanto mais se aproxima do ponto fundante daquilo que o sujeito se queixa, interrompendo o fluxo de associações e, dessa forma, fazendo barreira ao andamento do trabalho de análise.

A contratransferência foi como Freud nomeou a transferência da parte do analista. E, apesar de ter se detido pouco nesse tema, sempre que o fez, foi em forma de alerta para que o analista saiba identificar e evitar que este fenômeno aconteça. Os afetos que surgem no analista a partir da fala do analisante, seus preconceitos e julgamentos, suas opiniões pessoais, são questões que não devem interferir no direcionamento da análise, cabendo ao analista ser capaz de transpor a esse obstáculo (FREUD, 1910/2013).

Ao alertar para o impasse da contratransferência, Freud (1915/2010) comenta que o analista deve estar atento ao fato de que, em face de um enamoramento que o analisante lhe direciona, ele não o faz em decorrência de seus encantos, mas, sim, pela função que o analista ocupa. Não deve se tratar de uma conquista, mas de um dado do tratamento que necessita ser analisado.

É importante lembrar que a relação analítica não se dá em pé de igualdade, tendo como fundamento a intersubjetividade. Não há dois sujeitos ali. O analista, para

poder intervir da posição de semblante de objeto, deve abster-se de seu ser, de seu sujeito, para permitir que o sujeito do analisante apareça e, assim, poder incidir sua intervenção desse outro lugar (FINK, 2018).

É necessário demarcar esse fato, pois o próprio Lacan (1992) tece uma crítica bastante contundente a respeito do que estava se estabelecendo na época como “contratransferência normal”. Esse termo, proveniente de pessoas que faziam parte do circuito kleiniano (ligados a IPA – Associação Internacional de Psicanálise), designava o uso da contratransferência como método de intervenção clínico. Nesse caso, o analista deixava-se introjetar pelo discurso do paciente e, a partir de suas percepções e reações, comunicava ao analisante o que ele mesmo havia experimentado, o que supostamente auxiliaria na total compreensão do que se passava com o paciente ao falar de suas queixas. O analista se colocava numa posição de semelhante com relação ao seu paciente, ouvia o que a pessoa relatava e introjetava em si o que lhe era falado, deixando-se afetar e sentir “o que o paciente sentia”. Isso lhe daria um instrumento que lhe permitia compreender exatamente o que o seu paciente experienciava, vivendo ele mesmo tal situação a partir do que lhe era dito, possibilitando dar ao seu analisante uma prova de que o entendia (LACAN, 1992).

Para os que defendia esse método de intervenção, o problema da contratransferência residia apenas no fato de o analista não ser capaz de identificar tais introjeções e percepções, todavia, do contrário, a intervenção era sustentada como eficaz. A crítica de Lacan (1992) a esse tipo de intervenção incide justamente no fato de, para o autor, tal intervenção ser muito centrada no Eu do analista; além de haver, nesses casos, uma tentativa de oferecer uma compreensão que diz mais do analista do que do próprio paciente (algo muito delimitado pelo registro Imaginário, objetivando dar um sentido).

O autor defende uma outra abordagem para a questão. Ele entende que a intervenção deva incidir de um lugar que não seja o Eu do analista. Se a pessoa do psicanalista aparece no tratamento, significa dizer que seu desejo também aparece. E Lacan orienta que isso não aconteça. O analista deve cessar de seu desejo, seja ela qual for (de cura para o paciente, de adequação às convenções sociais), para dar lugar ao surgimento e manifestação do desejo do analisante, pondo, assim, em movimento a sua cadeia de significantes, permitindo ao sujeito fazer associações (LACAN, 2016).

Lacan (1992) lembra, no seu seminário sobre a transferência, que esse excesso de compreensão, referido anteriormente, atrapalha o andamento do trabalho de análise. Uma vez que o sujeito em análise deseja, não cabe ao analista saber o que esse sujeito deseja, pois, se o analista tem essa compreensão, não pode ocupar o lugar daquilo que o sujeito deseja. Porém, o fato de o sujeito desejar, esse sim, deve ser sabido. Assim, quanto menos ele compreende, mais propício se torna para o analista ocupar a função de causa do desejo para o analisante, pondo em movimento a cadeia de significantes e fazendo andar o tratamento analítico.

O que permite ao analista assumir essa função é chamado de desejo do analista. Esse desejo é fruto de um trabalho de análise que caminhou até um ponto onde tornou-se possível um despertar. Nos sujeitos neuróticos, há uma tendência, através da ação do recalque, que acaba por nos direcionar a um desejo de não saber, uma paixão pela ignorância. O desejo do analista se apresenta como um despertar com relação a esse desejo de não saber (MAURANO, 2006).

Lacan (2005), no seminário sobre a angústia diz que o desejo do homem é desejo do Outro, e que o defrontar-se com esse desejo do Outro provoca angústia. Ao colocar o desejo do analista como um despertar do desejo do Outro, é nítido que, a condição para que isso aconteça seja a de uma travessia, de um ponto a outro, onde a angústia estaria em estreita relação com essa travessia, tendo em vista que aquele que se dispõe a se colocar em função (função de analista), tenha levado sua análise o mais longe possível, às suas últimas consequências (CASTRO; FERRARI, 2013).

Uma análise levada às suas últimas consequências faz referência a construção e travessia de um fantasma, o fantasma fundamental, que divide o sujeito. Dessa operação, surge, ao final, não um sujeito sem fantasma (pois o encontro total com o Real seria devastador, posto que o Real é o que é, não o que se espera dele), mas um sujeito que já não está mais tão preso a esse fantasma e pode, assim, sustentar um desejo advertido, em oposição ao desejo de dormir (KRUEL, 2007).

Ter atravessado o fantasma provoca uma mudança de posição subjetiva, uma virada no discurso que é representado pela ascensão desse desejo (advertido). Desejo que vai colocar em função um ato, o ato analítico, que incide sobre a hiância do inconsciente. Para a psicanálise, o ato é sem sujeito, pois o sujeito só tem condições de saber sobre o ato depois. O ato é inconsciente. O sujeito tem acesso a seus efeitos. Isso dá uma pista de como o ato analítico se produz (VICENTE, 2004).

Tendo como foco o ato analítico, o caminho que se trilha numa formação, já é sabido que só há um começo. A formação do analista é um trabalho árduo e contínuo que faz alusão à própria experiência de análise, ao estudo teórico e à supervisão. Freud diz “cada psicanalista consegue ir apenas até onde permitem seus próprios complexos e resistências internas” (FREUD, 1910/2013, p. 223).

Assim, um trabalho e percurso de formação oferece saídas para os empasses que causariam uma cristalização do fazer psicanalítico. Se opondo as tentativas da época de institucionalização da psicanálise, que começava a se desenvolver como uma prática de adequação moral, Lacan coloca em voga um outro olhar para as vicissitudes da técnica e da ética, abrindo um espaço para que se reinvente o fazer e possibilite a psicanálise sair do enquadre do consultório e ser possível em outros espaços (VICENTE, 2004).

Dessa forma, Lacan estabelece que o analista dirige o tratamento, sem, contudo, dirigir o paciente. Ele conhece o jogo analítico e deve atuar, em função, orientado para o Real. Ele empresta seu semblante para que o sujeito em análise projete seu fantasma. A entrada em análise, então, acontece quando o sujeito é capaz de oferecer, endereçar, ao analista a sua demanda, e este, fazer operar a função de sujeito-suposto-saber, ancorado no desejo do analista. Sustentando essa relação singular, há o pagamento. Pagamento esse que existe dos dois lados. O sujeito paga com o dinheiro e com a palavra; e o analista paga com sua pessoa, que precisa deixar de fora para que surjam os efeitos da transferência e a cadeia de significantes se movimente (LACAN, 1992; 1998; 2016).

Diz-se que o analista paga com sua pessoa, porém, algo necessário de se esclarecer é que não existe um ser do analista. No seminário sobre a transferência, Lacan (1992) faz referência a uma metáfora onde, em face do amor transferencial do analisante dirigido ao analista, este se finge de morto. Em seus Escritos (LACAN, 1998), o autor diz que o analista deve centrar sua atuação na sua falta-a-ser, não no seu ser. Disso temos que a condução do tratamento, sua prática, e suas intervenções devem partir desse lugar Outro, e quanto menos seu ser aparece, mais uma psicanálise pode produzir seus efeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi suscitada pela prática de estágio em um centro universitário. Isso tem algumas implicações e merece alguns esclarecimentos. Implica que, para quem está começando a trilhar um percurso, há um longo caminho pela frente, e sem garantias, que convoca a um trabalho constante de busca e aprofundamento.

É importante frisar que, apesar do ambiente acadêmico ter suscitado o interesse, ali não há espaço para a formação de psicanalistas. Não é fim da graduação que vai dizer que há um analista. A angústia pode ser latente nessa etapa como uma forma de dar sinais da emergência de um estranho familiar, nas palavras de Freud. Se o estagiário ainda não possui um percurso de análise “suficiente”, que tenha tornado possível a construção e travessia do fantasma, é de se esperar que muitos conteúdos presentes nos relatos dos pacientes causem algum mal-estar.

É aí que a supervisão tem um papel de grande relevância para o estágio, pois possibilita ao iniciante um espaço onde possa falar sobre suas inquietações. O que, todavia, não substitui a análise. Freud diz, e Lacan concorda, que a angústia é sentida no Eu. Esse Eu, que representa o ser, é também palco das manifestações contratransferenciais. Isso faz pensar se a angústia não seria também um indicativo de que a condução do tratamento não estivesse tomando como ponto de partida tais manifestações.

O fato é que, embora não tenha sido o foco deste trabalho tratar das diversas questões que atravessam a presença da psicanálise na universidade, essa presença pode ter papel importante como via de transmissão, que suscita (desperta) interesse, põe em movimento uma causa que pode desencadear o início de um novo percurso.

Percurso esse que dispõe de maneiras de manejar a angústia nesse início. A análise pessoal é o lugar onde se fala e se percorre o caminho da travessia de seu fantasma, permitindo o despertar do desejo. Nessa empreitada, abre-se espaço para a busca de uma escola de psicanálise, um local marcado por uma transferência de trabalho com a psicanálise, em transformação à transferência com o psicanalista. Uma caminhada que só possui início.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Érico Bruno Viana. A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 87-107, jan. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CASTRO, Júlio Eduardo de; FERRARI, Ilka Franco. O desejo do psicanalista e sua implicação na transferência segundo o ensino de Lacan. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 53-72, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 13 mai. 2020.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**; tradução Vera Ribeiro, 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, Sigmund. A angústia (1917). In: **Conferências introdutórias à psicanálise – Obras completas**, vol. 13. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Cia. das letras. 2014, p. 422 – 442.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) – Obras completas**, vol. 10. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo. Cia. das Letras. 2010, p. 100 – 110.

FREUD, Sigmund. A repressão (1915). In: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos – Obras completas**, vol. 12. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo. Cia. das Letras. 2010, p. 61 – 73.

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910). In: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”) e outros textos (1909-1910) – Obras completas**, vol. 9. Paulo César de Souza. São Paulo. Cia. das Letras. 2013, p. 219 – 231.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos – Obras completas**, vol. 17. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo. Cia. das Letras. 2014, p. 10 – 98.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor de transferência (1915). In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) – Obras completas**, vol. 10. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo. Cia. das Letras. 2010, p. 159 – 174.

FREUD, Sigmund. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “neurose de angústia” (1894). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

KRUEL, Sandra Seara. Final de análise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 89-94, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 13 mai. 2020.

LACAN, Jacques. **Escritos (1901-1981)**; tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: **os escritos técnicos de Freud** (1953-1954). 2 ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: **a angústia** (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: **os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 6: **O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 7: **a ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 8: **A transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LEITE, Sonia. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Coleção Psicanálise passo a passo; 92.

MACHADO, Zilda. Da angústia ao desejo do analista. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 30, n. 56, p. 35-39, out. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MAURANO, Denise. **A transferência**: uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Coleção Psicanálise passo a passo; 72.

PIRES, Maria Pompéia Gomes. A angústia e o analista. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 57-61, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 30 abr. 2020.

QUINET, Antonio. Apresentação: Objeto a: um percurso. *In*: SOLER, Colete. **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007**: Seminário A angústia de Jacques Lacan; tradução Elynes Barros Lima, Lia Carneiro Silveira, Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 180-188, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 13 mai. 2020.

SOLER, Colete. **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007**: Seminário A angústia de Jacques Lacan; tradução Elynes Barros Lima, Lia Carneiro Silveira, Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012.

VICENTE, Sônia. O ato analítico. **Cogito**, Salvador, v. 6, p. 39-43, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 16 jun. 2020.